

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DIANTE DOS DESAFIOS DE UMA FORMAÇÃO INCLUSIVA

São Bernardo do Campo/SP, 28/04/2009

Adriana Barroso Azevedo

Universidade Metodista de São Paulo – adriana.azevedo@metodista.br

Luciano Sathler

Universidade Metodista de São Paulo – luciano.sathler@metodista.br

Categoria – Estratégias e Política

Setor Educacional – Educação Universitária

Natureza do trabalho – Descrição de projeto em andamento

Classe – Experiência Inovadora

Resumo

O presente texto reflete sobre o aspecto inclusivo inerente e essencial à educação a distância no Ensino Superior. Entende-se aqui a inclusão pedagógica como o apoio ao processo de desenvolvimento do discente com lacunas de formação que podem impedir ou dificultar os avanços em sua vida acadêmica. O texto reflete a inclusão entendida como processo educativo de acolhida ao aluno, considerando possíveis defasagens cognitivas, de conhecimento formal, dos fundamentos de lógica matemática e dos fundamentos de lingüística. A experiência inclusiva do Campus EAD da Universidade Metodista de São Paulo é relatada ao final como exemplo prático dos conceitos aqui abordados.

Palavras-chave: educação a distância, inclusão, democratização

Introdução

O presente texto busca refletir sobre o aspecto inclusivo inerente e essencial à educação a distância (EAD) no Ensino Superior. Trata-se de um conceito que vai além da ação educativa junto às pessoas com deficiências físicas ou mentais. Entende-se aqui a inclusão como o processo de desenvolvimento do aluno com lacunas de formação que o impedem ou dificultam o avanço em sua vida acadêmica. Essa situação muitas vezes é gerada por uma série de fatores, tais como déficits na Educação Básica, falta de um ambiente familiar propício, ou mesmo, o tempo decorrido entre a conclusão do Ensino Médio e o ingresso na universidade.

As mudanças trazidas no bojo da Sociedade da Informação incluem as formas como as pessoas aprendem. O contexto socioeconômico brasileiro afetou profundamente as instituições nas últimas décadas, dentre elas a escola e a família, exigindo um repensar dos educadores sobre suas práticas, demandas e expectativas. A pressão do tempo que se imiscui nas matrizes curriculares, que se encontram muitas vezes fragmentadas e até desconexas, se soma à precarização das relações trabalhistas que impõem a vários docentes relacionamentos cada vez mais superficiais, homogeneizantes e desinteressados com educandos. Portanto, pensar a inclusão é reconhecer que há forças significativas alterando o perfil dos agentes comprometidos na relação de ensino-aprendizagem em instituições de ensino superior.

O texto busca refletir sobre quatro dimensões da inclusão: cognitiva; de conhecimento formal; fundamentos de lógica matemática; e, fundamentos de lingüística. Inclusão que se constrói por meio de oficinas, palestras e outras ações pedagógicas que visam colaborar para que o aluno ingressante no ensino superior, modalidade EAD, se desenvolva em sua totalidade, como estudante e cidadão cujo projeto de vida pode contribuir para uma inserção plena de sentido na sociedade.

Não se tratam de ações tradicionalmente conhecidas como propostas de nivelamento, pois ao nivelar se estabelece que exista um mínimo desejável de conhecimento que o educando deve ter e que esse mínimo deve ser alcançado. Buscou-se, por meio das ações de inclusão pedagógica, que o aluno se desenvolvesse em sua potencialidade e rompesse as barreiras que antes o impediam de avançar. Ao final do texto relata-se uma experiência de inclusão na dimensão

defendida pelos autores, realizada no âmbito da Universidade Metodista de São Paulo em seu Programa de Inclusão Pedagógica.

O Cenário da EAD no Brasil

O filósofo alemão Immanuel Kant, no século XVIII, nos iluminou com uma afirmação que até hoje se faz pertinente: “Avalia-se a inteligência de um indivíduo pela quantidade de incertezas que ele é capaz de suportar”.

A EAD vem se constituindo historicamente como um desafio pedagógico para docentes e discentes, gestores das instituições que, mergulhados em um oceano de incertezas, assumem esse compromisso de trabalhar com a modalidade, um enorme desafio social pelas possibilidades de atuação e alcance.

As incertezas inerentes ao processo de construção da modalidade não têm impedido o grande crescimento da EAD no Brasil e as possibilidades abertas a partir de seu desenvolvimento. Tais incertezas constituem-se como desafios que têm motivado os estudos da temática da EAD para melhor entendê-la, contextualizá-la e vivê-la no âmbito das instituições de ensino superior do Brasil.

A evolução da EAD com qualidade é preocupação de algumas instituições comprometidas com a melhoria do contexto educacional brasileiro. As discrepâncias entre as ofertas com ênfase mercantilista e as demais também se repete na nova modalidade, a exemplo do ensino presencial tradicional. Compreender que a EAD não é uma alternativa de segunda categoria para os menos favorecidos tem colocado em pauta a necessidade de uma reflexão sobre vários conceitos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Não se trata simplesmente de transpor os conteúdos da aula presencial para o ambiente virtual de aprendizagem e transformar a comunicação em um processo mediado pela tecnologia. Há que se fazer adaptações profundas, não apenas no formato, mas, sobretudo, na forma de ver a educação e os processos de interação.

No que se refere ao volume de estudantes na modalidade EAD no Brasil, conforme o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância publicado em 2007, em 2004 o Brasil possuía 309.957 alunos a distância em instituições de ensino autorizadas pelo Sistema de Ensino a ministrar EAD no Brasil, em 2005 foram 504.204 alunos e em 2006 o país teve 778.458 alunos estudando na modalidade EAD.

É notadamente reconhecida, na visão de Aretio (2002, p.77-78) a necessidade de elaborar fundamentos teóricos que alimentem, justifiquem, guiem, forneçam significados e facilitem desenvolvimentos futuros para as realizações práticas. São as idéias, surgidas no mundo das teorias, que revelam novas formas de conhecer e sugerem alternativas. As realizações práticas eficazes e de qualidade, e a educação deve ser inquestionavelmente uma delas, devem se embasar em postulados teóricos sólidos, coerentes e rigorosos. A teoria é fundamental para se entender e transmitir as propostas, métodos e objetivos de qualquer realização prática.

Holmberg (1995) sugere que a EAD foi se recriando através de *tentativa e erro* com uma base teórica mínima, porém já é sabido que não existe uma única teoria de EAD que explique seus fundamentos, estruturas, propósitos, funções e possibilidades e que guie a prática e a investigação empírica (McISSAC, GUNAWARDENA, *apud* ARETIO, 2002, p.146).

Certamente o esforço de elaborar teorias consistentes no campo da EAD justifica-se porque estas podem oferecer âmbitos de análises, além de sugerir problemas e hipóteses que permitem avançar na investigação como instrumento de generalização de novos fundamentos teóricos que substituam ou complementem os anteriores. E sempre tomar as realizações práticas como bases da análise e como objeto de melhora da construção teórica. É preciso contar com teorias consistentes que mostrem os conhecimentos deste campo organizados e relacionados de forma sistemática, que ajudem a entender uma mesma linguagem e mostrem caminhos para futuras investigações (ARETIO, 2002, p.78).

Conforme Medina Rubio e Garcia Aretio (*apud* ARETIO, 2002, p.178) para se elaborar um marco teórico sobre a EAD é preciso considerar o conhecimento rigoroso do sistema conceitual e da linguagem específica da modalidade. Este conhecimento é necessário para sistematizar as leis, idéias, princípios e normas que a constituem, para garantir um nível de compreensão adequado que permita descrever e explicar a EAD, para entender e interpretar em seu verdadeiro alcance os problemas que a permeiam e compreender o significado dos conhecimentos já consolidados neste campo.

Outra questão importante que se deve considerar ao se teorizar sobre a EAD é a explicação e a regulação do processo de intervenção pedagógica nesta modalidade que se baseiam nos sistemas de comunicação didática entre o docente e os estudantes, por meio do diálogo, habitualmente mediado, seja este simulado, real,

sincronizado ou assíncrono. Outro destaque é o conhecimento das técnicas, estratégias e modelos de investigação educativa que são utilizados com resultados positivos neste âmbito de conhecimento.

Portanto, para Aretio (2002, p.45) o marco teórico da EAD deve estar embasado em um aporte conceitual que delimite o objeto desta modalidade educativa, nos procedimentos adequados para a intervenção pedagógica e nos métodos de investigação que possam gerar teorias e melhorar a prática.

Alguns autores buscam compreender a EAD pelo estudo da distância, como estar presente ainda que distante? Para suprir a distância espacial e a assincronia entre emissão e recepção de conteúdos veiculados, buscam-se maneiras de estar ao lado de cada aluno, no momento que escolhe para estudar. O que pode propiciar essa “presença a distância”? Moore (1993) escreve sobre a “distância transacional” designando o conjunto de fatores que podem contribuir para a distância perceptiva/comunicacional entre educador e educando. Para ele a distância transacional existe em todos os programas educativos, e a amplitude dessa distância se mede pela presença ou ausência de um diálogo educativo e pela presença ou ausência de uma estrutura limitadora do diálogo no curso. Ou seja, há maior distância transacional quando se tem um alto nível de estrutura do curso e pouco diálogo, já quando o processo pedagógico é pautado pelo diálogo e a estrutura do curso não limita essa prática a distância transacional diminui independente do distanciamento geográfico que haja entre educadores e educandos.

Desta forma, cada situação pedagógica compreende um índice de distância transacional, inclusive na EAD. As decisões pedagógicas que são tomadas no âmbito do projeto do curso é que definirão o índice de distância transacional, tendo em vista que há um enorme potencial oferecido pelas novas ferramentas de informação e comunicação, as mídias interativas que se constituem como fortes organizadoras das relações pedagógicas e das escolhas didáticas.

O ciberespaço definido por Levy (1997) como “o novo meio de comunicação emergente da interconexão mundial dos computadores”, passa a modificar a nossa relação com o saber. As tecnologias da comunicação presentes na sociedade levam a um crescente e caótico acesso a informação. Os alunos da educação a distância, usuários cotidianos da rede, precisam desenvolver habilidades que lhes permitam explorar os conhecimentos que se tornam cada vez mais acessíveis pelos inúmeros canais de comunicação e informação.

Porém, esse acesso facilitado à informação não garante melhor aprendizagem, as tecnologias da informação e comunicação se não forem utilizadas em um contexto pedagógico renovado, inovador e criativo poderão apenas reproduzir o modelo de ensino presencial tradicional, sem que haja um aproveitamento das diversas possibilidades que elas poderiam proporcionar ao professor.

EAD e democratização

No Brasil, nos últimos anos, percebe-se um esforço conjugado para se reverter o quadro de distorções quantitativas e qualitativas do acesso e permanência do aluno no sistema formal de educação, em especial, no ensino superior. Conforme dados do IBGE em 84% dos domicílios brasileiros não há ninguém que tenha feito um curso superior e apenas 10% dos brasileiros tem esse nível de formação.

Atualmente o Brasil dá acesso à educação superior a menos de 11% dos jovens de 18 a 24 anos. A maioria desses jovens que vive no interior do país não possui em seus municípios sequer a oferta de um curso superior presencial. Nesse sentido, “a educação superior orientada para a democratização e para a inovação requer a articulação de objetivos de curto e médio prazos, integrando-se com políticas mais flexíveis e duradouras em direção a uma sociedade mais igualitária” (VEIGA, 2000, p. 218). Apenas 30% dos municípios brasileiros possuem cursos superiores presenciais e em 70% do país não há oferta regular de ensino superior presencial.

A EAD surge como um instrumento potencial para promover educação inclusiva no Brasil, educar a distância pode significar democratizar a educação superior no país e facilitar o acesso ao mundo do trabalho.

A EAD democratiza o acesso a educação porque aumenta consideravelmente o número de espaços escolares oferecidos, atendendo a uma população estudantil geograficamente dispersa e, em particular, aquela que se encontra em locais distantes das instituições convencionais. Oferece também, uma segunda oportunidade aos que não puderam iniciar ou concluir os seus estudos, tornando-se um elemento primordial para a igualdade das oportunidades educativas, permitindo que os alunos continuem seus estudos sem os requisitos de espaço, assistência e tempo, próprios do ensino tradicional, estendendo dessa forma os benefícios da educação.

Outro fator importante é a garantia da permanência do estudante em seu meio cultural natural, evitando-se os êxodos que poderiam incidir negativamente sobre o desenvolvimento regional, principalmente em um país com as dimensões continentais do Brasil. Para os alunos a diferença mais evidente está no contraste entre a homogeneidade de idade, qualificação e nível no ensino presencial e a heterogeneidade destes elementos no ensino a distância. Bem como, na diversidade cultural apresentada em função da dimensão continental do país.

A EAD não é apenas aprender de longe; supõe a permanência do indivíduo em seu meio para convertê-lo assim em um fator de educação (CIRIGLIANO, *apud* ARETIO, 2002, p.78). Neste sentido, educar é preparar para a liberdade, transformar o aluno em um ser livre por saber escolher e atuar socialmente.

O ensino ganha significado novo quando propicia o prazer da descoberta e a importância do conhecer, quando provoca a observação, mobiliza a curiosidade, move a busca de informações, esclarece dúvidas e orienta as ações, em suma, quando supre as necessidades vitais do discente (CHIZZOTTI, 2001, p.103).

Desta forma, as instituições educacionais e suas propostas, independente da modalidade que atuam, devem contribuir para que o homem, em seu processo educacional, possa reaprender a pensar, num processo permanentemente voltado para as questões do cotidiano, a partir de análises e implicações sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Devem-se formar um profissional que reflete a ação, as estruturas, as condições de trabalho, os modos de organização e controle, enfim, um profissional que interfira na realidade, sujeito autônomo que não apenas reproduz, mas que, através de sua criatividade, reconstrói a vida social.

Na EAD não há um único local de encontro, pois os alunos podem estar geograficamente muito dispersos, sendo, em sua grande maioria, adultos que trabalham e dispõem de um tempo parcial para os estudos. Desta forma, processos de ensino e aprendizagem mais flexíveis, autônomos e guiados para que possam executar com flexibilidade e eficiência suas tarefas tornam-se fundamentais em sua formação.

A EAD, por meio de sua configuração estrutural e com o uso de métodos pedagógicos adequados pode permitir maior proximidade dos alunos, resgatando o que ocorre fora do espaço educacional formal, as transformações derivadas da imensa produção de informação, ajudando-o a aprender a pensar, aprender a

questionar, aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver, incentivando e instrumentalizando a autoria, a criatividade, o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico e da cooperação.

Vale destacar que “as resistências pedagógicas que circundam as práticas de EAD não têm impedido, contudo, que estudos e práticas se desenvolvam, apontando perspectivas que contemplem essa característica do ensino como acontecimento, e inaugurando metodologias de interação” (SOARES, 2000, p. 231).

É na direção apontada por Soares que este texto aponta o potencial democratizante, inclusivo e formativo da educação a distância, principalmente para um grande contingente de excluídos do sistema educacional.

Pode-se afirmar que “a aprendizagem possui uma dimensão social, que se relaciona às trocas, à colaboração e à cooperação, e uma dimensão individual, que se relaciona à significação e à sistematização individual” (BARBOSA, 2005, p. 41-43).

EAD e inclusão

Ser qualificado, hoje, significa ser capaz de uma prática profissional equipada e atualizada – desafio que poucos conseguem assumir e vencer, tendo em vista a velocidade das mudanças e o descompasso no cotidiano do trabalho e das relações sociais (SOARES, 2000, p. 226).

Frigotto (1997, p.144) recupera Luiz Fernando Veríssimo para afirmar que se instaura hoje um senso comum de *exclusão sem culpa*. Vivemos uma contradição de caráter econômico e político global. Nunca, na história, a humanidade teve a sua disposição tanta tecnologia, para o autor essa tecnologia foi desenvolvida para diminuir o tempo de trabalho necessário a uma sobrevivência digna e contraditoriamente, nunca, talvez, tenha se produzido tanto tempo precarizado e sofrido do desemprego estrutural e subemprego.

Nesse sentido, “somente os países capazes de aliar uma atividade econômica, um projeto político e uma cultura estarão aptos a tornarem-se importantes atores do desenvolvimento” (TOURAINÉ, *apud* FRIGOTTO, 1997, P.147).

A EAD surge como uma forma de ruptura com um sistema econômico desigual que privilegia o acesso ao ensino superior apenas àqueles que podem se financiar. Uma vez que o sistema superior de ensino público, pelas características inerentes ao processo de acesso, privilegia àqueles que tiveram trajetória escolar de excelente qualidade, característica pouco presente na formação básica feita nas escolas

públicas brasileiras. Vale refletir sobre as questões propostas por Frigotto (1997, p.147):

(...) Que traços culturais, atitudes, valores, habilidades e competências e que tipo de conhecimento deve desenvolver o ambiente escolar para formar pessoas tecnicamente capazes de dominar a nova base científico-técnica do processo produtivo, criar novos conhecimentos para o Brasil se integrar de forma soberana e não subordinada ao processo de globalização e desenvolver uma sociedade efetivamente democrática?

Esta sociedade exige do trabalhador uma atualização freqüente, o que só se torna possível através da educação permanente, desenvolvida a partir de modelos alternativos de ensinar e aprender. A EAD, por sua própria estrutura e objetivos, oferece um âmbito de aprendizagem no qual o adulto pode aprender aquilo que pessoalmente lhe interessa e responde a suas próprias necessidades, resultando em uma vida mais satisfatória e cheia de sentido. O acesso ao conhecimento se dá em múltiplas vias (matérias impressos e multimidiáticos), possibilitando a flexibilidade nos modos de aprender e ensinar.

Além de democratizar o acesso a educação formal, a EAD para Aretio (2002) proporciona uma aprendizagem autônoma e ligada à experiência, pois os sistemas de EAD buscam capacitar e treinar o estudante a aprender a aprender e aprender a lidar com a tecnologia, forjando sua autonomia quanto ao tempo, estilo, ritmo e método de aprendizagem, ao permitir que tome consciência das suas próprias capacidades e possibilidades de auto-formação. Busca-se na EAD que o estudante adquira atitudes, interesses e valores que lhe forneçam os mecanismos precisos para que possa reger a si mesmo, fazendo com que se responsabilize por uma aprendizagem permanente e se converta em sujeito ativo de sua formação de forma a superar as deficiências do sistema presencial tradicional.

Para Cirigliano (*apud* GARCIA ARETIO, 2002, p. 78) a EAD possibilita uma aprendizagem que esteja fundamentalmente ligada à experiência e em contato imediato com a vida profissional e social. Atende a uma população de adultos, em grande parte ativa profissionalmente, que deseja se aperfeiçoar e que dispõem de um tempo escasso para estudo, rompendo assim com os clássicos moldes da educação formal institucionalizada.

A EAD fomenta o ganho de independência de critério, capacidade para pensar, trabalhar e decidir por si mesmo e de satisfação pelo esforço pessoal (ARETIO, 2002, p. 78). As ações desenvolvidas no âmbito dos cursos a distância possibilitam o repensar a organização do espaço da ação educativa e devem ter por objetivo

assegurar a promoção do ser humano, minimizando os efeitos marginalizadores, excludentes, seletivos e impessoais do sistema educacional tradicional.

A experiência de Inclusão pedagógica da Universidade Metodista de São Paulo

A EAD permite que as pessoas acessem de forma diferenciada ao universo do conhecimento, porém como afirmou Freire (1981, p.47):

Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. [...] todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. Há, portanto, uma sucessão constante do saber, de tal forma que todo novo saber, ao instalar-se, aponta para o que virá substituí-lo.

Todo novo saber é gerado a partir de um velho e é sabido que há uma grande dificuldade dos alunos em relação aos conteúdos básicos da educação fundamental, seja por estarem distantes da escola há muito tempo, seja pela qualidade ruim do processo de formação básica a que foram submetidos.

Tal problema colocado no cotidiano de um curso superior a distância evoca soluções construtivas para que o aluno de posse dos conhecimentos básicos que lhes faltam possa fazer as articulações necessárias para o processo de construção do seu conhecimento.

Tendo por pressuposto a teoria do conhecimento baseadas nas idéias de Piaget,

(...) entende-se que o sujeito constrói conhecimento na interação com o objeto, sendo que o objeto é tudo que não for o próprio sujeito e que ele considerar como tal. Assim, quanto mais o sujeito se constitui, mais o objeto também se constitui e vice-versa, em uma elaboração solidária, enfocando-se as interações interindividuais que ocorrem entre dois ou mais sujeitos. Assim, o sujeito constitui-se em um entrelaçamento entre os fatores internos (maturação) e os fatores externos (ações do meio), criando-se uma construção recursiva e dialética que não apresenta começos absolutos (BARBOSA, 2005, p. 67).

Diante de tão grande desafio, a Universidade Metodista de São Paulo assumiu o compromisso de inclusão pedagógica desse aluno adulto que necessita ampliar, rever e por vezes construir conhecimentos e ser incluído. Isso se organizou a partir de ações que propiciam a ampliação de seu conhecimento formal e dos fundamentos de lógica matemática e lingüística, para desta forma, poder avançar em seu percurso de

formação. Se o objetivo dessa etapa inclusiva da formação é alcançado, é feita uma transformação no sujeito, na medida em que ele passa a saber que dispõe de habilidades que antes não possuía, compreende algo que antes não compreendia ou passa a ter uma atitude que precisava desenvolver.

O Programa de inclusão Pedagógica da Metodista nasce no âmbito dos cursos presenciais e amplia-se para a modalidade a distância a partir dos excelentes resultados obtidos desde a sua implantação. O objetivo é auxiliar os alunos no desenvolvimento de novas atitudes e hábitos de estudo especialmente no início da vida universitária. Envolve todos os cursos da Instituição, tanto os presenciais quanto os a distância e é gratuito. Também busca revisar e aprofundar os conceitos básicos de Língua Portuguesa e Matemática, além de propiciar aos alunos conhecimentos fundamentais de metodologia científica.

Espera-se colaborar para que o estudante desenvolva suas atividades acadêmicas com maior aprofundamento, além de auxiliá-lo na familiarização com as novas tecnologias de informação e comunicação. Além dos conteúdos de matemática básica, português básico e metodologia científica, as oficinas envolvem conteúdos como *orientações e dicas de como estudar, como organizar a vida de estudos na universidade, características da EAD na Metodista, Modelo EAD na Metodista, ambiente virtual de aprendizagem, segurança na internet, como integrar conteúdos e saberes, princípios processadores de texto e softwares de apresentação, pesquisa e navegação na internet, elaboração de trabalhos, utilização da biblioteca virtual e utilização dos serviços no Portal Acadêmico*.

É a partir do conhecimento das necessidades reais de formação pessoal, acadêmica, profissional e social dos alunos que se torna possível o desenvolvimento de um programa eficaz de inclusão pedagógica. Essa proposta se converte em um instrumento motivador de primeira ordem para aqueles que estavam com dificuldades de prosseguir em seu processo de formação.

As aulas que trabalham esses conteúdos básicos partem da experiência do aluno e dos seus conhecimentos como núcleos de *inputs* para conhecer e negociar como suas necessidades de forma a serem supridas. O estudante deve ter claro o que conseguirá uma vez que estudou a unidade. O sucesso da aprendizagem se deve também à crença do aluno de que seus objetivos são alcançáveis.

Nesse processo tem-se aprendido que é preciso respeitar as fobias que muitos adultos têm dos processos de formação. E lembrar-se de que a atenção pedagógica

leva em conta a flexibilidade necessária devido à diferenciação de acordo com a pessoa, sua idade, nível dos seus conhecimentos e dificuldades de estudo. Isso para relacionar os novos conteúdos com os anteriores e com as experiências pessoais dos alunos. Conduzidas da maneira coerente, novas idéias poderão se constituir como base para futuras aprendizagens.

Nesse processo de inclusão, a avaliação é fator importante porque é através de seus processos que o aluno terá condições de julgar sua situação e suas necessidades educacionais, tendo a oportunidade de reconduzir seu esforço, de se aprimorar cada vez mais.

Pactuando com o discurso de Palloff e Pratt (2005, p.199) também admitimos, a partir da experiência vivenciada com a inclusão pedagógica na Metodista, que Nossos alunos comovem-nos e tocam-nos em todos os seminários virtuais que ministramos. Nossa impressão é a de que aprendemos tanto ou mais do que eles. Não estamos apenas ajudando a moldar a criação de alunos mais bem preparados; somos, como eles, participantes em um grupo de pessoas que aprendem, o que nos faz prosseguir em nossa jornada de aprendizagem, que durará a vida toda. Para nós, esse é o poder da aprendizagem a distância.

Para finalizar, a mudança na forma de aprender e de ensinar e as novas relações que se estabelecem, intermediadas pela tecnologia na EAD, podem desencadear ações interativas de aproximação social ou de diminuição das lacunas entre os seres humanos. É fundamental destacar que, na direção apontada nas linhas deste trabalho, a instituição educacional assume relevante papel na transformação da sociedade, pois ao ser inclusiva não nivela, mas abre novos caminhos para que seus educandos possam crescer pessoal e profissionalmente. A universidade é, sem dúvida, um espaço privilegiado da inclusão, da democratização do aprender, do ensinar, do pensar, de aprender a reflexão como prática social, oportunizando apoios e estímulos múltiplos.

Referências bibliográficas

Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2007. 3ª ed.

Coord. Fábio Sanchez. 3 Edição, São Paulo: Instituto Monitor, 2007.

ARETIO, Lorenzo García. **La educación a distancia** - de la teoría a la práctica.

Barcelona/Espanha: Ariel Educación, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas, SP : Papirus, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A escola como ambiente de aprendizagem. In: CASALI, Alípio et al. **Empregabilidade e educação**: novos desafios no mundo do trabalho. São Paulo: EDUC, 1997.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço** – estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Porto Alegre : Artmed, 2002.